

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE FILOSOFIA

MARLY CARDOSO TEIXEIRA XAVIER

INTERSUBJETIVIDADE EM LEITURA FILOSÓFICA, SEGUNDO COSSUTTA

São Luís
2016.1

MARLY CARDOSO TEIXEIRA XAVIER

INTERSUBJETIVIDADE EM LEITURA FILOSÓFICA, SEGUNDO COSSUTTA

Monografia apresentada à Coordenação
Curso de Filosofia da Universidade Federal
do Maranhão - UFMA, como requisito para
obtenção do grau de Licenciatura em
Filosofia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rita de Cássia
Oliveira.

São Luís

2016.1

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Xavier, Marly Cardoso Teixeira.

Intersubjetividade em leitura filosófica, segundo Cossutta / Marly Cardoso Teixeira Xavier. – 2016.
39 f.

Orientador(a): Rita de Cássia Oliveira.

Monografia (Graduação) - Curso de Filosofia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2016.

1. Leitura filosófica. 2. Linguagem. 3. Subjetividade. I. Oliveira, Rita de Cássia. II. Título.

MARLY CARDOSO TEIXEIRA XAVIER

INTERSUBJETIVIDADE EM LEITURA FILOSÓFICA, SEGUNDO COSSUTTA

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Rita de Cássia Oliveira (Orientadora)

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof. Dr. Plínio Santos Fontenelle

Prof. Dr. Luciano da Silva Façanha

A Deus, sabedoria suprema que nos
inspira e nos conduz.

AGRADECIMENTOS

À Maria Antonia Cardoso, que sempre me ensinou como bem viver, aprender e reaprender com fé e vontade.

À Tarcísio Linhares, (*in memória*), meu companheiro, por mais de uma década e metade dela bem me conduziu a esta universidade.

À toda minha família, pois é por vocês que saí de minha cidade para adquirir melhor grau de instrução e retribuir com sabedoria o apoio e amor que todos me dedicam.

À amiga Professora Conceição Leite, por dedicar muito de seu tempo em ajudar a reequilibrar-me e continuar a busca pelo conhecimento.

Aos meus colegas acadêmicos do curso de filosofia, especialmente o companheirismo de Isabel Cristina e Kaique Leônnes, (*in memória*), por tanto nos incentivar no primeiro ano, mais difícil de entendimento das leituras filosóficas, sua defesa da metafísica em debate na sala de aula, nos impulsionava aprender mais.

Enfim, à Universidade Federal do Maranhão, Instituição do saber, da qual faço parte, busquei neste espaço a sabedoria, onde tive como ícone a Doutora Professora Rita de Cássia Oliveira, por conduzir de forma brilhante e paciente sua missão de educar.

RESUMO

A leitura filosófica exige elementos constitutivos de um processo de pensamento, que inicia com a leitura, onde se incluem as funções referenciais dos sujeitos, envoltos neste cenário enunciativo e discursivo a partir da linguagem. A obra filosófica sob suas diversas formas de apresentação possui uma estrutura formal em si, uma referência enunciativa, que se engendra e se desfaz, requerendo ação participadora dos falantes e, por conseguinte implica em subjetividade neste cenário. A cena filosófica unifica as posições enunciativas, na medida em que constrói e reconstrói a discussão filosófica nesse conjunto de representações. O conjunto dos enunciadores refere-se ao autor-locutor neste processo de unificação textual. É neste sentido que se compreende um plano de interioridade discursiva facilitado pelas referências enunciativas, sob formas de espaço interior da consciência e tudo que diz respeito a verdade e sua “efetuação” na linguagem; O espaço objetivo da conceitualidade as funções didáticas e pedagógicas. Frédéric Cossutta propõe como em um método, utilizar-se dos elementos semânticos e estruturais, sem dispensar o caráter pedagógico, conduzir o leitor a um trabalho de análise e investigação do sentido, o método contribuirá certamente para preparar o trabalho de interpretação. Buscamos identificar recursos metodológicos que auxiliem o leitor neste contexto da dimensão semântica e a reconstrução constante da filosofia, bem como a relação de intersubjetividade implícita nesta ação.

Palavras-chave: Leitura filosófica. Linguagem. Sujeito. Subjetividade.

ABSTRACT

The philosophical reading requires constitutive elements of a thinking process which begins from the reading, where are included the referential functions of the individuals commuted in this stated scenery and discourse from the language. The philosophical work under its several forms of presentation possesses a formal structure in itself, a stated reference which creates itself and undoes itself, so requiring a participative action of the speakers and, consequently, implies into subjectivity in this scenery. The philosophical scene unites the stated positions, as far as possible in which it constructs and reconstructs the philosophical discussion in this set of representations. The set of the narrators refers itself to the author-speaker in this sense one understands a plan of facilitated discourse interiority by the stated references under forms of interior space of the conscience and everything refers to the truth and its "performance" in the language. The objective space of the conceptuality as to the didactics and pedagogical functions. Frédéric Cossutta proposes like in a method to be used the semantics and structural elements without dispersing the pedagogical character, and it conducts the reader into an analysis and investigation work of the sense, this method will certainly contribute to prepare the interpretation work. We tried to identify the methodological recourses which help the reader in this context of semantics dimension and the constant reconstruction of the philosophy as well as the relation of implicit intersubjectivity in this action.

Keywords: Philosophical Reading. Language. Person. Subjectivity.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	O SUJEITO DA LINGUAGEM EM TEXTOS FILOSÓFICOS	10
2.1	Língua	10
2.2	Sistema inter-referencial	12
2.3	Relação autor-leitor-mundo	16
3	A FIGURA DO SUJEITO NA MODERNIDADE	19
3.1	Conceitualidade	20
3.2	Subjetividades	23
4	MÉTODOS EM FILOSOFIA	25
5	PROCESSO DA CENA FILOSÓFICA: Cossutta e o método de leitura filosófica	29
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
	REFERÊNCIAS	35
	ANEXO A - SOBRE O AUTOR E A OBRA	36
	ANEXO B - DECLARAÇÃO DE CORREÇÃO GRAMATICAL	38
	ANEXO C - DECLARAÇÃO DE NORMALIZAÇÃO	39

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho, visa no âmbito da metodologia de ensino, colaborar com o leitor, tendo em vista as dificuldades iniciais em leitura filosófica, comumente vista junto a alunos e leitores iniciantes nesse pensamento. Questionamos se o modo de leitura influencia na objetividade e interação entre a Linguagem e o Cenário em que se compõe o discurso.

Assim, buscamos investigar principalmente qual a relação existente entre Filosofia, enquanto textos filosóficos, e o leitor, uma vez que, pensando filosoficamente, o sujeito pensante corresponde ao fundamento das Ciências moderna e contemporânea.

Segundo a visão de Frédéric Cossutta (2001, p. 216):

Ler um texto filosófico, portanto, não é somente informar-se do conteúdo de uma doutrina, é muito mais reapropriar-se dos gestos, familiarizar-se com os sistemas de atos pelos quais ela se engendra. E, além disso, é simplesmente aprender a pensar.

Nesse sentido o citado autor busca caminhos que direcionem o contato inicial do leitor com uma obra filosófica: “As maneiras pelas quais os sujeitos põem o discurso filosófico e se põem através dele” (COSSUTTA, 2001, p.13). A análise e interpretação do discurso, a partir da composição na língua em que se verifica que os elementos, ali dispostos, direcionam o leitor em busca da compreensão que lhe é própria. São as funções encontradas na unidade que direcionam o sentido da leitura. Portanto, a disposição do texto como uma cena filosófica, conduz a um ponto da unificação textual que desencadeará a reflexão utilizando-se as marcas explícitas do aparelho formal da enunciação filosófica, bem como a referência que, conforme o autor, “[...] atribui os papéis, distribui a fala e coordena os elementos de análise em um ponto de vista unificado” (COSSUTTA, 2001, p.15).

Examinando fragmentos de textos filosóficos e estudiosos da Linguística, buscamos identificar a relação existente neste contexto estrutural, entre os sujeitos, a metodologia e a leitura. Compreender o efeito e como ocorre a intersubjetividade. Se o sujeito da Modernidade compreende-se nessa ação de linguagem, de construção do sentido.

Assim, entendemos ser de suma importância um estudo que possa contemplar a metodologia neste sentido, a título de colaboração com a iniciação filosófica.

Este trabalho disserta sobre a pesquisa realizada bibliograficamente, enquanto discente no curso de licenciatura em Filosofia, na Universidade Federal do Maranhão. Possui quatro capítulos. O primeiro compõe-se do aspecto linguístico, para introduzir a análise textual e a interação entre linguagem e o âmbito da discursividade presente nos textos filosóficos. Veremos as funções do sistema referencial e relação implícita entre autor, leitor e o mundo envolto deles neste âmbito.

Trataremos, em seguida, no capítulo 2 (dois), da figura do sujeito na Modernidade, verificado nesta estrutura do aparelho formal, em que o regime enunciativo remete os enunciados de um sujeito, como fonte articuladora do sistema linguístico, que se engendram por meio dos conceitos estruturais e subjetivos presentes à unidade do texto. Assim realçamos a importância de tratar de conceitualidade e subjetividade, neste capítulo, pois é neste aspecto que se reconstrói o filosofar.

No capítulo 3 (três) demonstramos alguns métodos mais utilizados na filosofia. Destacamos no capítulo 4 (quatro), A cena filosófica, e o método descrito por Frédéric Cossutta, na obra Elementos para leitura dos textos filosóficos.

A seção Considerações Finais resume o resultado da investigação proposta, bem como a visão desta pesquisadora.

2 O SUJEITO DA LINGUAGEM EM TEXTOS FILOSÓFICOS

A leitura¹ requer um trabalho de identificação da estrutura, decifração das operações que compõem a unidade textual e enfim, de compreensão efetuada neste âmbito da linguagem. É necessário de início identificar os caminhos implícitos nesta ação comunicativa, pois o texto é este instrumento em que se instaura o pensamento construído através da resistência que lhe oferece a língua como fator social. A relação entre o ser e o dizer reescrita filosoficamente reúne autor e leitor como sujeitos que ultrapassam tempo e espaço, em um movimento articulado pela função referencial.

2.1 Língua

Relembrando a concepção saussuriana, segundo Bastos e Candiotto (2007, p.15):

Devemos entender por linguagem, o sistema ou a estrutura sígnica, sistema abstrato articulado, fenômeno universal, utilizado pelo humano, que o diferencia de outras espécies tornando assim o homo loquens. [...] É compreendida pelo aspecto social, que é a língua; e o individual que é a fala, indissociáveis entre si.

Neste sentido, através do signo, compreendemos a língua como sistema da estrutura sígnica. O significante e o significado demonstram as transformações nela contida. Eu, como humano, neste sistema, realizo procedimento instaurado pelo dizer da escrita e da palavra, representadas neste fenômeno da linguagem.

Frédéric Cossutta (2001), enfatiza a estrutura linguística da unidade textual e demonstra que as “marcas explícitas da enunciação filosófica”, serão identificadas:

- a) Pela função autor, explícita ou não na obra (em primeira pessoa);
- b) Nos pontos de função de endereçamento (em segunda pessoa);
- c) E na figura do outro (terceira pessoa), outros autores muitas vezes descritos. Ao leitor compete deliberar ou não conforme a convicção quanto a leitura proposta.

¹ Como desvelar o sistema semiótico de signos, principalmente verbais.

O direcionamento de Cossutta é para que os estudiosos em Filosofia da Linguagem como expressão de sentido, em que se busque pelo Aparelho formal da enunciação filosófica, comprometida como uma polifonia², em decorrência da semântica conceitual.

“Chamamos semântica conceitual o conjunto dessas operações através das quais o filósofo deliberadamente explicita a significação das expressões que ele emprega”. (COSSUTTA, 2001, p.42)

De acordo com Dicionário Online de Português, semântica é estudo do significado das palavras e da interpretação das frases. A visão Cossuteana, parte desse uso da linguagem aplicada no discurso.

Quanto a Bastos e Candiotta (2007, p.18), estudiosos na área, especificamos níveis sintáticos da linguagem, compostos pelo referente, que designa estados de mundo através de uma expressão sígnica, a sintaxe, que é o estudo da estrutura interna dos signos linguísticos, proveniente de convenções sociais e, compreendem também, signo linguístico em relação àquilo que ele significa. Enfatiza ainda que o nível pragmático ocorra na relação do indivíduo e a língua como parte da sua realidade na sociedade, sendo este indivíduo pensante nesse âmbito. É a dinâmica do signo linguístico e seus utentes nesta relação.

O nível semântico será, então, a base do pensamento, no que respeita os significados que “[...] mediatizam a relação humano/mundo e humano/humano” (LOPES apud BASTOS; CANDIOTTO, 2007, p.19), e a particularidade comunicativa em que se instala um fundo ideológico no processo de aprendizagem do indivíduo neste contexto. É essa imagem do mundo a partir das experiências que ele interpreta e compreende o que entende-se por realidade. O signo linguístico deverá ser visto a partir desse uso, ou seja, de regras semânticas que visam induzir o comportamento nos falantes, segundo Bastos e Candiotta (2007, p.19-12), será assim, “O interpretante é o mediador entre a sintaxe e a semântica”.

Neste sentido, o caráter ontológico da linguagem verifica-se no fato de que a língua remete o sujeito ao mundo, pois “[...] é um sistema de valor compartilhado grupalmente que envolve fatores psicossociais e valores que devem ser subsumidos pelo indivíduo, primeira condição, para que permaneça e pertença

² Emprego simultâneo de vários instrumentos uníssono, que tem o mesmo som. (BUENO 1986). Sobre a polifonia é sabido que consiste em várias falas e discursos humanos repetidos no texto, ensejando a intertextualidade também. Daí relembramos que o sentido recorre à Pragmática e à Semântica.

ao seu grupo linguístico”. (LOPES, 1970, p.31)

Paul Ricoeur (1986, p.143), também corrobora com essa concepção, pois segundo ele discurso reafirma a ação da língua nesta relação:

A libertação do texto em relação à oralidade arrasta uma verdadeira transformação tanto das relações entre linguagem e o mundo como da relação entre a linguagem e as diversas subjectividades envolvidas, a do autor e a do leitor.

O enunciado escrito traz a relação referencial com o mundo. A linguagem descrita neste cenário, demonstra a fixação das subjetividades dos sujeitos envolvidos neste processo. Assim, entendemos a relação referencial segundo Ricoeur (1986, p.144):

Ao dirigir-se a um outro locutor, o sujeito do discurso diz alguma coisa; isso ele fala ao referente do seu discurso; esta função referencial é, como se sabe, produzida pela frase que é a primeira e a mais simples unidade do discurso; é a frase que tem por mira dizer alguma coisa de verdadeiro ou alguma coisa de real.[...]Pela função referencial a linguagem “restitui ao universo.

Ricoeur (1986, p.143), verifica o cenário de uma leitura e demonstra que a relação presente no discurso “O que aparece na escrita é o discurso enquanto intenção de dizer e que a escrita é uma inscrição direta desta intenção, mesmo se histórica e psicologicamente, a escrita começou a transcrever os signos da fala”.

2.2 Sistema inter-referencial

A linguagem envolve funções que assume por ocasião do ato de comunicação. Chamamos inter-referencial um sistema real (mundo) comum ao enunciador que o designa e ao leitor, contemplando articularmente os referenciais enunciativos onde, a mensagem direciona-se pelo contexto:

Reconhecemos, retomando as teses de Benveniste, que é o sujeito enuncionador na primeira pessoa quem coloca correlativamente duas outras pessoas, particularmente a segunda, alternador de todo o processo de comunicação que abre o texto para o mundo exterior. O destinatário, de fato, não é somente um alvo visado por si mesmo, mas constitui uma mediação entre o autor e ele mesmo, por um lado, e, por outro entre a fonte enunciativa e a comunidade mais ampla que é visada. (COSSUTTA,2001,p. 23)

Frédéric Cossutta retoma a visão linguística de E. Benveniste, para reunir a enunciação, como base do entendimento no discurso. Ora, verificamos que a enunciação é por um ato individual, onde ocorre o funcionamento da língua e assim introduz o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Que o discurso é produzido como ato da fala e vai, além disso, pois o ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz aquele que fala em sua própria fala, é um processo de apropriação individual. Ainda que, com a enunciação (falada ou escrita), a língua atinge uma “instância de discurso”, procedente de um locutor³, sob forma sonora que desperta em um ouvinte outra enunciação. Compreendemos que nestas condições sintáticas do aparelho formal da enunciação, a língua expressa uma relação com o mundo.

Deste modo, são condições iniciais essa relação “eu-tu”, implícitas na enunciação. O termo “eu” denotando o indivíduo que enuncia. E o termo “tu” o indivíduo é presente como a locutário. São indivíduos linguísticos que se compõem e recompõem cada vez que se profere uma enunciação. É uma relação no tempo presente, pois o viver agora implica essa inserção do discurso no mundo e o presente do próprio ser que é, “que se delimita por referência”.

Esse papel realizado pela segunda pessoa, conforme explica Benveniste (2006, p.19), acima, no âmbito de um espaço tempo, faz com que as referências internas permitam essa mobilização, para o locutor referir-se ao discurso e para “[...] o outro a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um colocutor, no contexto enunciativo”.

Cossutta (2001) analisa a referência e denotação: A dimensão referencial é uma dimensão essencial que permite escapar a uma dicotomia entre o ‘mundo’ das abstrações e um ‘mundo’ das realidades:

Os conceitos, permitem a uma doutrina reestruturar, na ordem da representação, nossa relação com o mundo a fim de torná-lo inteligível. A referência unindo o termo significante e o sentido à coisa, propriedade, acontecimento, permite o universo filosófico focalizar o mundo exterior, e até mesmo obriga o filósofo a especificar o estatuto ontológico dele (“ser”, “aparência”, “fenômeno”). As entidades assim distinguidas pela função referencial constituem o denotado. (COSSUTTA, 2001, p.73)

A abstração, comumente utilizada na filosofia, poderá se aproximar do mundo real através da dimensão referencial, que reúne o termo conceitual ou

³ Atualiza, conforme Benveniste, a língua no tempo e no espaço (a enunciação em si).

significante, sentido e a realidade:

A filosofia dispõe da possibilidade de se dobrar um universo de significação virtualmente fechado: passagens inteiras de Kant ou de Hegel desenvolvem raciocínios sem que seja necessário, para uma apreensão direta, voltar ao particular. (COSSUTTA, 2001, p.78)

Os casos particulares, como as metáforas, os exemplos, permitem expandir o grau de abstração através das formas de recursos desses casos. A primeira, uma representação dos objetos que envolvem o conceito, (“todo homem” em Sócrates), a segunda relacionada à enunciação (como em “lua que vejo maior no horizonte”). Também os casos particulares possuem funções filosóficas, como função didática, que pretende a modificação do ponto de vista do leitor, e função ontológica, a partir do substrato ontológico presente, uma base empírica, que permite colocar a presença correlativa do mundo do discurso, comprovando assim sua ancoragem no real e escapar da ordem da ficção. (COSSUTTA, 2001).

Destacamos nestas formas de recurso particular, a co-presença externa em que o leitor reapropria-se dos dêiticos presentes no enunciativo e assim, visualiza o pensamento abstrato:

Um domínio de co-presença que tem a propriedade de se abrir para interioridade e, mais além, para intersubjetividade com valor universal, como indicam estas duas frases retiradas da fenomenologia do espírito: ‘este aqui, afirmo o aqui como árvore’.... ‘Da mesma forma que quando digo eu, singular, digo em geral todos os eus’. (COSSUTTA, 2001, p.85)

Estas estratégias discursivas e argumentação em filosofia são problemas de método a partir dos objetos e instrumentos de validação em um enunciado, como o conceito em que se utiliza os dêiticos. Uma vez que “a filosofia tem por vocação ‘dar razão’, seja qual for a forma pela qual faz”. Neste sentido, responder a questões: “Como pensar a relação entre as operações pelas quais uma tese é legitimada e aqueles que tendem a obter nossa adesão?” (COSSUTTA, 2001, p.142).

A tarefa de justificação e validação é explicada como:

Processo de validação, não apenas o que permite legitimar, para um interlocutor, uma asserção pelo raciocínio, pela prova, mas também tudo que contribui de perto ou de longe para conferir a essa asserção o estatuto de verdadeiro ou de falso nela mesma. (COSSUTTA, 2001, p.142)

Textos como de Espinosa em Tratado da reforma, tratam da sua construção e legitimidade, em contrapartida com a dificuldade metodológica do conhecimento: “Sabendo agora qual modo de conhecimento que nos é necessário, precisamos tratar do caminho e do método por meio dos quais chegaremos a conhecer com um tal conhecimento as coisas que precisamos conhecer”. (COSSUTTA, 2001, p.146-147)

Os argumentos possuem características necessárias de validade, o que requer processo criterioso na sua constituição: “A cena filosófica oferece assim quadros e o suporte através dos quais se organiza a argumentação” (COSSUTTA, 2001, p.158). Os enunciados distribuídos entre os interlocutores, permitem organizar as funções e grau de subjetividade. Portanto, o processo enunciativo oferece o suporte do processo da demonstração, integrando-se a serviço da argumentação, nas formas dialógica, polêmica, ou não polêmica.

As relações entre os elementos que compõem as referências enunciativas (conceituações, metáforas e exemplos, teses e argumentações) desenvolvem-se como um processo, na construção do texto. Para condução da metodologia, Cossutta (2001, p. 212) verifica a ordenação destes aspectos:

Não se pode considerar um texto filosófico como se fosse formado unicamente por sequências lineares sucessivas. A leitura torna a desdobrar, num espaço de múltiplas dimensões, um processo complexo que hierarquiza, focaliza ou recorta planos; que compõe, liga ou diferencia operações complexas.

Neste sentido, é na compreensão dessa unidade da complexidade construtiva do texto que garante a homogeneidade. Cossutta (2001, p. 212) explica a necessidade de verificar-se as “[...] marcas que deixam no texto as operações que asseguram sua composição”. Bem como indícios da unidade na forma explícita como o autor introduz o tema. Exemplifica essa delimitação através de Sartre: O ser e o nada; “[...] podemos agora dar alguns detalhes sobre o fenômeno de ser que consultamos para estabelecer nossas observações anteriores”. (COSSUTTA, 2001, p. 212).

Compete ao leitor identificar os operadores difusos, relações sucessivas e também verticais, existentes neste cenário. A sugestão metódica é agrupar primeiramente, o que se relaciona à atividade pela qual o filósofo tematiza sua própria análise e expõe seu discurso por um jogo complexo de hierarquizações

enunciativas. Em seguida agruparemos os encadeamentos internos, são “mecanismos diversos que efetuam substituições e remissões entre as partes do discurso”, para que assim, possamos compreender a construção da rede de referências intratextuais.

Assim Cossutta enseja-nos a compreensão que o campo inter-referencial supõe referências enunciativas, que localizam autor e leitor dentro de um espaço-tempo comum e estas referências permitem uma remissão em seu próprio domínio (de referência). Essa estrutura formal permite ao leitor como a sua presença nesse contexto se reapropriar do presente enunciativo.

2.3 Relação autor-leitor-mundo

Já verificamos que o Aparelho formal da enunciação filosófica, sob estrutura textual, é muitas vezes composto por pronomes, dêiticos e outros elementos que compõem uma estrutura linguística, que são funções básicas encontradas na unidade e direcionam o sentido da leitura. É esta “matriz” que reúne marcas textuais e a presença dos “sujeitos falantes”. Nisto consiste a linguagem, para Benveniste, na possibilidade de cada locutor se colocar como sujeito, uma correlação de subjetividade que consiste na relação entre pronomes pessoais.

Apesar da diversidade filosófica, a maioria dos textos está implícita o sujeito enunciador que assegura a função – autor, garantido a paternidade do texto e a sua coerência. Neste sentido, Cossutta recorre a Espinosa para demonstrar a validade da proposição: “Não duvido que todos aqueles cujo juízo é confuso e que não têm o hábito de conhecer as coisas pelas suas causas primeiras encontrem dificuldades em conceber a demonstração da proposição 7”. (ESPINOSA apud COSSUTTA, 2001, p.24).

Neste trecho de Cossutta, a função autor se hierarquiza através de planos, conduzindo o leitor a envolver-se⁴ na proposição. Neste sentido, orienta leitores iniciantes, que iniciem uma leitura filosófica, com a identificação interna do próprio filósofo encontrado no interior da obra e prossiga assim como num método. Que se busque, pelos enunciados, os pontos da ordem discursiva, o nome do autor ou linha de pensamento filosófico que traçam a cena de uma relação com o leitor, ou

⁴ Isto é, atentando ares planos da imanência (os contrários de Ferdinand de Saussure), narrativo e discursivo.

o aparelho formal da enunciação filosófica. É esta voz que identificará a “cara” do autor e a quem ele destina a sua escrita. São as marcas pelas quais o processo de leitura e o papel do leitor são simultaneamente definidos. Eles aparecem explicitados ou disfarçados dentro do texto. O trabalho inicial do leitor é identificar, analisar marcas ou vestígios ali contidos.

Portanto, Cossutta (2001, p. 24) entende que o destinatário “[...] constitui uma mediação entre o autor e ele mesmo, por um lado, e por outro, entre a fonte enunciativa e a comunidade mais ampla que é visada”.

É esse o papel do destinatário neste contexto, pois não é passivo, mas possibilita alternar o processo de comunicação, pode se opor a partir de sua compreensão. Em diálogo, por exemplo, a segunda pessoa possibilita integração do exterior à atividade consciente, e assegura igualmente a exteriorização do diálogo. Quando não explicitada, entenderemos como vimos que, a primeira pessoa possui função assegurada, pois cada texto demonstra a sua forma e a posição do destinatário.

Deste modo, a descrição cossutteana dessas formas são:

- a) O destinatário universal, mais comum: “[...] como no exemplo de Espinosa em que ‘aqueles’ designa tanto leitor quanto o caso geral de incompreensão, o alcance referencial dos próprios enunciados” (COSSUTTA, 2001, p.24);
- b) O inclusivo, neste incluem-se o sujeito enunciativo e o leitor a partir da primeira pessoa (“eu” que garante o entendimento “nos”, “a gente”);
- c) E o destinatário de exclusão: “você” “ou nós”, em certa distância de “a gente” ou “o leitor”. É uma diferenciação porque não explicita o destinatário, mas, é assimilado como um convite à participação no texto.

Estas são as posições funcionais da segunda pessoa⁵. “A posição dada ao destinatário na enunciação modifica também a cena filosófica, da mesma forma que contribui para formá-la” (COSSUTTA, 2001, p.25). Assim, quanto às formas e gêneros construídos sobre o primado da segunda pessoa, eles são construídos sob uma polaridade enunciativa mais forte que o da primeira pessoa especialmente em

⁵ Aliás, a Psicologia refere com ênfase que “eu” sou os outros; “eu” sou também a alteridade.

cartas ou diálogos.

O mundo no qual um texto filosófico se expande, parte dessa referência interna, um sujeito enunciador universal, ainda que não explícito como o enunciador de referência, mas evidente, reúne em si todas as outras referências (segunda e terceira pessoa). O Sujeito de identificação advém de conteúdo de consciência exposto no discurso.

Discorreremos como se fazem presentes estas modificações enunciativas sem alterar o sentido do texto. Ocorre aqui uma comunicação com o leitor como sujeito de identificação participadora do escrito. Conforme constata Cossutta (2001, p.25), na *Ética de Espinosa*: “[...] É por isso que podemos ter ideias verdadeiras”.

Como também diz que, em Descartes, nas *Meditações*: “Esta proposição: Sou, existo é necessariamente verdadeira todas as vezes que a pronuncio ou que concebo em meu espírito” (DESCARTES, 1995, p.275). O que parece enunciador universal direciona o leitor à análise e participação do conteúdo deste. Estão integrados os “[...] índices de subjetividade na língua dos filósofos e o estatuto filosófico que eles outorgam à subjetividade”. (COSSUTTA, 2001, p 13)

Ora, se textos filosófico se compõem da unidade das funções, verificada nesta estrutura semântica, o estatuto filosófico, implica nesta relação autor-leitor, pois, a posição do autor e destinatário no enunciado, instauram um processo de comunicação. A filosofia mantém-se neste sentido de convite à uma partilha e filiação do pensar, característica do sujeito na modernidade.

3 A FIGURA DO SUJEITO NA MODERNIDADE

Verificamos, aqui, o conceito de homem na Modernidade, para identificarmos, a partir da Antropologia filosófica, características essenciais deste período da Filosofia que define o sujeito pensante, como integrante principal desse contexto.

O que ocorreu nesse espaço de tempo, para mudar o foco do olhar filosófico e repensar esse conceito?

A redefinição de conceitos nessa fase é nítida, pois já não é mais uma visão cosmológica de homem da Idade Média, centrado na religião principalmente, mas perpassa pela noção antropológica, para compreender-se e buscar conhecimento das coisas externas. A figura humana presente no pensamento moderno é baseada justamente na dúvida das certezas anteriores, das concepções dogmáticas.

Se verificarmos o contexto histórico, que desencadeou o pensamento moderno, teremos a substituição da teoria do heliocêntrico (Do grego *helio*, “sol”), que vigorou por mais de vinte séculos. Retira do centro do universo dos céus a terra, bem como o “mundo superior dos céus” e o “mundo inferior corruptível a terra” e constrói neste sentido a partir de Galiléu, a igualdade de todos os espaços, a descoberta da Via Láctea. (ARANHA; MARTINS, 2009, p.370).

Nisso, são características do pensamento moderno o antropocentrismo (Do grego *antropos*, “homem”, portanto homem do centro) substituindo o teocentrismo (Do grego *Theo*, “deus”, isto é, deus no centro) (ARANHA; MARTINS, 2009, p.37).

Assim temos a característica religiosa com a modificação do poder e autoridade papal, com surgimento do protestantismo.

A Ciência, nesse período, aspira certezas demonstráveis, racionalizadas, então avança e instaura o saber ativo experimentado e indutivo, substituindo radicalmente o saber contemplativo. Ciência e técnica reúnem método como ponto de partida para o conhecimento da verdade.

Nesse sentido, René Descartes elabora a *Dúvida metódica*, inserindo assim o pensamento racional, característico deste período na história da filosofia. Sua proposta inicial consistiu em encontrar um método que primasse a verdade como fim. Buscou reunir inicialmente a Matemática universal, onde predomina a

inteligência e aplicando ao conhecimento do mundo; passou pela análise dos sentidos como condição de verdade. Então, estabeleceu regras a partir dessas informações, primando pela dedução racional, para chegar ao conhecimento da verdade, a saber:

- a) A evidência: acolhimento de ideias claras e distintas;
- b) A análise e divisão de cada dificuldade;
- c) A ordem, das dificuldades mais simples inicialmente, para depois lançar-se às mais complexas;
- d) A enumeração, revisão, para ter certeza, que nada foi esquecido (ARANHA; MARTINS, 2009, p.170).

Descartes utiliza este método em busca de uma verdade primordial, que não possa ser posta em dúvida. No percurso elaborado por Descartes, a razão está acentuada sob caráter absoluto e universal. Nisto se constitui a importância do método. O sujeito moderno elaborado por Descartes, está inserido nesta composição, é um sujeito introspecto, pensante.

Muitos outros autores também definem esse período, conforme citado por Aranha e Martins (2009, p.170), o comentarista Koyré sintetiza esse período, afirmando que a Modernidade, a partir da revolução científica, é marcada principalmente por: “A descoberta pela consciência humana de sua subjetividade essencial e, por conseguinte a substituição do objetivismo dos medievais e dos antigos, pelo subjetivismo dos modernos”.

3.1 Conceitualidade

Debruçamo-nos basicamente o livro Elementos para leitura dos textos filosóficos, para tratar sobre os conceitos filosóficos devido sua amplitude de pesquisa neste sentido. Cossutta baseia-se no princípio de que, a filosofia procede por conceito. Objeções doutrinárias à parte, para ele, “[...] a filosofia constitui seu vocabulário próprio apropriando-se das categorias oferecidas pela língua, pelas doutrinas anteriores [...]”. Ora, Filosofia é reexame e redefinição de conceito, mas como então analisar a sua natureza do e as funções que ele ocupa dentro do texto? (COSSUTTA, 2001, p.40).

A reconstrução das definições dadas, são constituintes elementares para uma a atividade filosófica. No entanto, é preciso verificar quais os procedimentos de unidade dos sentidos unem as categorias e noções desta, em busca de um universo autônomo de significação.

“O conceito não é apenas uma entidade assimilável graças à presença de um vocábulo, é também uma função mediadora que organiza a ordem interna do discurso”. (COSSUTTA, 2001, p.41)

É preciso considerar as regras de coerência interna que garantam a ligação das noções, contudo o pensamento do autor integra esse universo na dimensão do sentido. A função conceitual é utilizada como função expressiva em uma ou configuração de palavras (“ser enquanto ser” de Aristóteles, “a extensão” em Descartes, “a intuição” em Begson), importa nesta composição do discurso, a referência ao significante, para a constituição do sentido. (COSSUTTA, 2001, p.45)

No Processo filosófico da constituição do sentido, verificamos a função conceitual, pois conforme discorrido, não há filosofia sem conceito e além disso, o conceito é uma função a ser verificada no texto. Inicialmente verificamos os termos, sua fixação e delimitação dos sentidos, mas escolhê-los (na escrita) depende de uma complexidade neste processo, que incluem um termo significante, o sentido e a referência. São vocábulos de significação integrados a um contexto, que poderão estar em realce no início do texto. Através do estudo dessas significações buscamos compreender a função conceitual na amplitude da doutrina presente, e suas regras de reutilização. É precisamente através do termo significante sob forma nominal que é possível identificar ou definir um conceito.

Cada doutrina constrói sua conceituação? Cossutta trata da diversidade das sistematizações conceituais na sua relação com o enunciador. No Tratado da Natureza Humana, Hume, utiliza as expressões; “impressões” e “ideias”, em sentido filosófico, diferente do habitual, verificando os estados da natureza humana e suas manifestações do sentido, as percepções e cita Locke, que nos ensaios sobre o Entendimento humano, conceitua a palavra ‘ideia’:

É o termo que, acredito, melhor convém para representar aquilo que é objeto de entendimento quando pensamos. Empreguei-o também para exprimir tudo o que designamos por fantasma, noção, espécie, ou tudo aquilo com que o espírito pode se ocupar quando pensa. (HUME apud COSSUTTA, 2001, p.44)

Verificamos com base nestas reconstruções que, desta forma, ambos os conceitos possuem relação com o enunciador e a noção de mundo, levando em consideração as incumbências enunciativas, a construção de registros conceituais, abertura dos termos sobre um “dado”, nesse caso, as sensações e paixões. A forma dos procedimentos de instauração do sentido vai depender do “[...] estatuto geral que a doutrina atribui à questão do sentido” (COSSUTTA, 2001, p.44-45). De tal forma, “ideia” em Hume, requer ligação entre a semantização conceitual e análises filosóficas.

Estas características estão ligadas à língua natural que o filósofo utilizará como um conjunto com outros pressupostos, para construir as suas definições, portanto, para tratar da estruturação do campo conceitual Cossutta (2001, p.58) verifica que “A língua natural não constitui apenas o veículo, mas também um meio dotado de uma autonomia, que tem uma vida própria, dentro do qual o filósofo tenta abrir um caminho em direção ao conceito”.

Uma significação conceitual incluirá terminologia preexistente à si, no campo nocional, que são as terminologias preexistentes à doutrina, sua significação anterior e reintegração; e no campo conceitual, a integração dos termos e totalidade sistemática, porém passível de outras modalidades e flexibilidade, dependerá do contexto verbal (COSSUTTA, 2001).

Os conceitos filosóficos presentes em uma leitura trazem vários aspectos estruturais e subjetivos, tanto para quem produz, quanto para o leitor, conforme vimos são principalmente, a construção, a função, a definição, a forma e as consequências filosóficas utilizadas, bem como a substantivação e vocabulário técnico e obscuridade filosófica: “[...] ler um texto filosófico é uma tarefa árdua que exige um esforço não tão ligado à obscuridade de um estilo quanto à própria forma da discursividade filosófica” (COSSUTTA, 2001, p.60). Neste sentido, encontramos a real dificuldade do leitor iniciante ou não, diante do vocabulário técnico e de obscuridades.

Utilizamos aspectos da ordenação semântica aplicada pelo filósofo e da lexografia⁶, para verificar categorias metalinguísticas, que nos conduzem a entender relações das palavras, tais como “percepções”, “ideias”, “sensações” em Locke e “percepções”, “impressões” e “ideias”, em Hume. Verificamos que a Hiponímia⁷, a

⁶ Ciência ou estudo das palavras que devem constituir o léxico.

⁷ Relação entre um termo subordinado (hipônimo) e um termo super ordenado (hiperônimo). Ex:

contrariedade, a incompatibilidade e a sinonímia⁸, nos permitem entender como o conceito faz o sistema e o seu inverso: “Podemos verificar a estruturação de subconjuntos conceituais dentro de uma doutrina, ou melhor, compreender numa passagem explicativa como se efetua o posicionamento dos conceitos pelo jogo das diferenças semânticas”. (COSSUTTA, 2001, p.65)

O filósofo reúne essa complexidade linguística que une os conceitos e opera na organização dos signos em busca da unidade do texto. Ele opõe por hiponímia níveis de hierarquização entre os conceitos; Caracteriza a relação (“impressão” e “ideias” como relação derivada); E elabora conceitualmente com categorias vocábulos como: “identidade, ‘diferença”. Assim, além das relações semânticas trabalha também as relações entre os conceitos que poderão torna-se propriamente, conceituais.

A Filosofia perpassa o paradoxo da conceitualidade, pela sua característica de redefinição, na medida em que a partir de um vocabulário próprio oferecido pela língua, não há propriamente falando, língua filosófica, mas apenas um uso filosófico da língua (COSSUTTA, 2001). O filósofo utiliza este meio oferecido pela autonomia da língua.

3.2 Subjetividades

É a partir da dimensão do sujeito-enunciador do discurso que encontramos nos textos a presença das subjetividades.

Verifiquemos as proposições cartesianas citadas por Cossutta (2001, p.19): “Na primeira, adianto as razões pelas quais podemos geralmente duvidar de tudo”. A função-autor “Eu” é utilizada juntamente com o enunciador universal (“nós”). Neste fragmento inicial o locutor inicialmente denota em primeira pessoa, a si mesmo, o filósofo.

Com o desenvolver da obra, vimos: “Esta proposição, sou, existo, é necessariamente verdadeira todas as vezes que a pronuncio ou que a concebo em meu espírito” (DESCARTES apud COSSUTTA, 2001, p.19). Há um “eu”, como sujeito de uma construção figurativa, um ficção que “restitui o vivido, no interior de

tulipa, em relação à flor; Ex. Hume o termo “impressões” e “ideias”, são hipônimos em reação as “percepções”. (COSSUTTA, 2001, p. 64).

⁸Quando as palavras podem substituir umas às outras, sem a menor mudança no valor cognitivo ou afetivo. (COSSUTTA 2001, p.64)

uma consciência”, saindo de sua particularidade, abrindo espaço para “identificação participante do leitor” (COSSUTTA, 2011, p.19). Neste íterim, observamos também o tempo linguístico, com o termo “todas as vezes”, o verbo “podemos”, ordena no discurso a posição do locutor, seu tempo, sua participação.

Ora, sabemos que o ato da fala é individual. Descartes relata sua experiência. Mas o processo de comunicação interfere no solipicismo, na medida em que, conforme Benveniste (2006, p.77): “A temporalidade que é minha, quando ela organiza meu discurso, é aceita sem dificuldade como sua por seu interlocutor”. Nisto a intersubjetividade tem assim sua temporalidade, seus termos, suas dimensões, conclui.

Silva (2011), Professor na Universidade do Paraná, refere que a partir da afirmação de Benveniste a subjetividade é entendida como “a capacidade do locutor para se propor como “sujeito”: “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego”. (BENVENISTE apud SILVA, 2011, s/p)

4 MÉTODOS EM FILOSOFIA

Nossa proposta investigativa no âmbito metodológico consiste em Examinarmos se há um espaço em aberto para um método de compreensão do sentido do texto que poderia ir além da identificação da leitura, através da referência enunciativa do sujeito.

Verificamos com base na historia da Filosofia diversas metodologias aplicadas para investigação do conhecimento, denominamos métodos a título de identificação, diante da diversidade de textos filosóficos.

Platão (séc. IV a.C), utilizou como método o diálogo, conhecido como dialético, pelo debate de ideias, argumentos, buscando eliminar opiniões do senso comum. Aristóteles partiu da observação do sensível e não apenas reflexivo, mas demonstrativo, sob indução e dedução, comprovado por Silogismos (conexão de ideias expressa em premissas).

A Filosofia da Modernidade, a partir de Descartes, destaca o sujeito do conhecimento que põe em dúvida, os conhecimentos adquiridos por outrem, pelo sensível e se reconhece como sujeito pensante autônomo. O “Eu” interior, pela razão própria, situa-se em equidade, entre a realidade objetiva e subjetiva. Dúvida, clareza e distinção compõem um método de excelência que sobrepõe o sujeito pensante e destitui qualquer outra forma de conhecimento da realidade que não venha de si mesmo. Conforme vimos, anteriormente, o exemplo citado por Cossutta (2001, p.20): Em *Meditações*: “Esta proposição: Sou, existo é necessariamente verdadeira todas as vezes que a pronuncio ou que concebo em meu espírito”. O que parece enunciador universal direciona o leitor à análise e participação do conteúdo deste. Na compreensão de Cossutta (2001, p.20), estão integrados os “[...] índices de subjetividade na língua dos filósofos e o estatuto filosófico que eles outorgam a subjetividade”. É esse “eu”, que destacamos nas leituras como ícone investigativo e interativo ao leitor.

No processo de conhecer fenomenologicamente a filosofia, a “apreensão” do objeto gnosológico é um ato do sujeito cognoscente, não são sujeitos e objetos “reais”, “físicos”, ou “metafísicos”. O método fenomenológico no sentido mais amplo de descrição dos fatos, é aplicado às ciências humanas, mais especificamente à psicologia.

Na análise linguística, o objeto da Filosofia é a linguagem e o método a análise lógica. Neste sentido, o atomismo lógico de Wittgenstein e de Russel (apud QUELBANE, 2009, p.48) afirmam: “[...] a filosofia da linguagem não se limita ao estudo da estrutura da linguagem, mas considera, sobretudo, sua relação com as coisas e com os fatos que lhe permitem ter sentido”. Verificamos também em Granger (OLIVEIRA, 2003, p.58) a linguagem como representação e condição necessária para ciência se realizar como comunicação. A Epistemologia abre caminho para uma metodologia analítica filosófica. Portanto a filosofia analítica segue neste sentido, primeiramente com a verificação ou confirmação seguida pela análise elucidativa.

Nas discussões da Modernidade, sobre a questão do conhecimento, encontramos no *Círculo de Viena*, início do Século XX, a filosofia como método base para todo e qualquer conhecimento. Segundo Quelbane (2009, p.46), ao citar o argumento de Schlick:

A filosofia é nitidamente concebida como teoria do conhecimento; ela se situa na base de toda ciência, e dado que o conhecimento é unitário, os princípios gerais só podem ser os mesmos para todas as ciências, inclusive as ciências humanas da mente. ... Entende-se como conhecimento o conhecimento por representação (redescobertas), e por conceitos (Ficções que nos permitem pensar com um conteúdo bem determinado no lugar de representações).

Na Contemporaneidade, verificamos, ainda nas reflexões do *Círculo de Viena*, que David Hume, crítica os princípios da causalidade, em que se realça a experiência, princípio do empirismo. Um método de investigação do conhecimento, que se baseia em afirmações como: “[...] todas as ideias simples derivam de impressões simples que elas só fazem representar” (QUELBANE, 2009, p.45). Nisto Hume (apud QUELBANE, 2009, p.45) divide as “[...] ideias complexas em mais simples, que não podem ser mais analisadas e correspondem a impressões simples, que são o ponto de partida do conhecimento”.

O método hermenêutico nos direciona à compreensão necessária da leitura. Através dele o texto revive a ação dos interlocutores, ao explicar e compreende-lo. São dois modos de leitura propostos por Ricoeur (1986, p.155), em que a explicação servirá de mediação, mas ênfase na interpretação responde à expectativa do leitor, enquanto parte desse discurso:

Podemos ler a leitura prolongar e reforçar a expectativa que afeta a referência do texto à ambiência de um mundo e à audiência dos sujeitos falantes, é a atitude explicativa. Mas podemos também, levantar esta expectativa e concluir o texto em fala actual. É esta segunda atitude o verdadeiro destino da leitura. Porque é ela que revela a verdadeira natureza do suspense que força o movimento do texto para a significação.

Todas estas formas investigativas do conhecimento e, portanto, teorias, com seus diversos modos de exposição e posição doutrinal, constituem sem duvida, também seu modo de leitura próprio em busca de uma compreensão de sentido, a partir das características sistemáticas de construção filosófica que lhe são próprias.

Analizamos aqui, não os métodos existentes e seus problemas filosóficos, pois a descrição de cada um exige reflexões sobre as técnicas e teoria, o que muito já foi feito neste sentido. Contudo, um instrumento racional para adquirir, demonstrar ou verificar conhecimentos é de grande relevância nestes percursos. Citamos a importância dos mais conhecidos e utilizados em adequação para a modernidade, incentivando futuros pesquisadores nessa área tão significativa para vida humana.

Em Ciências Humanas, a necessidade do método se explica pela constatação mais ou menos difundida entre o meio científico, que os sentidos frequentemente nos enganam e de que nossos raciocínios muitas vezes nos induzem ao erro. O método poderá reger nossa conduta e disciplinar nossos procedimentos. Contudo, é consenso entre os cientistas, que as ciências humanas não são um conhecimento metódico (regrado) e objetivo. A metodologia é o conjunto de técnicas, de instrumentos, que acompanham o método, a trajetória teórico – prática no processo de conhecimento social.

As diferenças dessas formas residem tanto nas perspectivas a partir da qual o trabalho é realizado quanto aos métodos utilizados. Um escritor de ficção não se preocupa com os fatos, mas antes com o impacto emocional e dramático. Um filósofo não se preocupa em explicar, mas em incentivar alguém a pensar com ele.

Então, poderíamos utilizar nestas leituras investigativas filosóficas a identificação das marcas linguísticas e constituição semântica em busca da referência enunciativa do sujeito? Podemos ir além e encontrar espaço para subjetividade nessa dimensão entre o dizer do pensamento e sua construção linguística.

Discorreremos no capítulo anterior, tratando de conceitos, que podemos partir da ordenação semântica aplicada pelo filósofo e da lexografia, para verificar

categorias metalinguísticas, em busca de entender relações das palavras seus termos significantes tais como: “percepções, “ideias”, “sensações” em Locke. Consideramos ainda que o filósofo reúne essa complexidade linguística que une os conceitos e assim direciona a unidade textual do espaço discursivo e suas formas diversas e complexas que ele pode ter. Também que conceitos filosóficos presentes em uma leitura, trazem vários aspectos estruturais e subjetivos, tanto para quem produz, quanto para o leitor

5 PROCESSO DA CENA FILOSÓFICA: Cossutta e o método de leitura filosófica

A estrutura filosófica ou estrutura linguística, segundo a visão Cossutteana, é composta em si como uma cena⁹. Esta constatação poderá ser atribuída do aspecto reducionista, no entanto é demonstrável ao longo da obra *Elementos para Leitura dos textos filosóficos*, especialmente no primeiro capítulo.

“Chamamos de cena filosófica o resultado desse trabalho de escrita pelo qual o filósofo representa o processo de pensamento no próprio âmago do texto”. (COSSUTTA, 2001, p.14). Nisto, a obra filosófica sob suas diversas formas, tais como aforismos ou um tratado dedutivo é em si, uma unidade que se engendra e se desfaz, “aberta ao mundo e ao sentido”. O pensamento do autor em está em interligação consigo mesmo na função autor, com o destinatário e outros autores. Personagens da cena ali composta.

Cossutta (2001, p.15) sustenta que: “[...] todo texto de filosofia é determinado a partir de uma referência que atribui os papéis, distribui a fala e coordena os elementos de análise em um ponto de vista unificado”.

Essa referência verifica-se comumente, ainda que não especificada no texto, mas entendida subjetivamente a partir dos conceitos:

É a referência universal veiculada pelos conceitos ou colocada por um quantificador que introduz obliquamente aquele que deveremos chamar de enunciador universal, uma vez que ela não designa somente aquele a quem remete o nome próprio, mas todo leitor em geral. (COSSUTTA, 2001, p.16)

O Pressuposto da proposta cossutteana fundamenta-se em que é a “função autor” que garante as operações enunciativas, percebidas como uma paternidade no discurso. Verificamos que, no texto filosófico, deve haver coerência interna, pois a função textual centrada na referência enunciativa do sujeito, é que implica no sentido do texto. Que o texto de Filosofia é determinado a partir de uma referência enunciativa que atribui os papéis, distribui a fala e coordena os elementos de análise em um ponto de vista unificado.

Em um diálogo, por exemplo, a cena acontece por meio de interlocução. Entre um locutor e o personagem que representa, (como Sócrates para Platão). O pronome poderá incluir autor e leitor. O sujeito se faz presente também na finalidade

⁹ Na verdade, semioticamente todo texto (falado ou gráfico) expõe uma cena (intersubjetiva).

do texto, como função didática – em primeira pessoa, para provocar a compreensão e legibilidade do texto e também como função pedagógica, com vistas a transformação do pensamento do leitor. A segunda pessoa é o ponto de ancoragem destas funções de destinação. A terceira pessoa constitui um lugar vazio no processo enunciativo, suscetível de acolher qualquer referência ao domínio contextual. (COSSUTTA, 2001)

Frédéric Cossutta (1994) diz que a enunciação filosófica ou estrutura linguística, composta em si como uma cena, é demonstrada também por Benveniste, estudioso da Linguística: Ocorre uma dissimetria interna entre os pronomes pessoais, na primeira e segunda pessoa que denominamos “correlação de subjetividade”: “tu” é verificado como “eu”, na medida em que ocorre uma implicação no discurso, dessa forma ocorre também uma “correlação de personalidade”. Serão estas dissimetrias que conduzirão o investigador a compreender o texto no sentido de unificação entre o espaço interior e a interlocução em conjunto com a diversidade externa. Portanto: “Ler um texto supõe uma compreensão intuitiva das relações assim colocadas pelas pessoas; analisar um texto obriga a explicar as regras às quais um conjunto complexo de efeitos textuais está assim determinado.” (COSSUTTA, 1994, p.30).

Partindo desse princípio, Cossutta (2001, p.15) demonstra nesta composição os enunciadores na figura do autor, a referência enunciativa na função de endereçamento e a relação entre enunciador e coenunciador:

Toda a nossa hipótese de leitura, e portanto, nossa proposta metodológica, se baseia na idéia de que a unidade do texto filosófico, sua coerência interna e sua possibilidade de se constituir por diferenciação com um “mundo” ao qual, por outro lado, ele pode se referir, supõe a presença de uma função textual centrada na referência enunciativa sujeito; essa referência seria ao mesmo tempo fonte de constituição do ponto de vista no sentido de produção do texto, e ponto de fuga onde se encontram as linhas diretivas que o leitor deve seguir no seu trabalho de interpretação.

Importante ressaltar que este complexo de regras não implica um mecanicismo, mas uma estrutura sob a qual possibilita-se verificar as operações advindas inicialmente desta.

Ora, se a atividade filosófica e da escrita se constituem um processo do pensamento que requer um reconstruir constante, Cossutta traz uma proposta pedagógica, com base na linguagem, sem intimidar-se com as questões

epistemológicas diante da especificidade de cada filosofia.

A necessidade de um método? Porque as reflexões em busca pelo conhecimento do “eu”, do “outro” e do “mundo”, requerem verdades. Os sentidos humanos podem conduzir a falso conhecimento ou ilusão eles interferem na experiência e no pensamento. Para melhor êxito investigativo ao conhecimento, o pensamento cria regras e procedimentos que permitem ao sujeito conhecer e controlar aquilo que se propõe.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa questiona e busca compreender o método proposto por Frédéric Cossutta, tendo em vista as dificuldades essenciais da leitura e do “estudo” em Filosofia e, por conseguinte, identificar neste contexto a intersubjetividade possível na relação autor e leitor.

“Leio, releio o texto e não compreendo”. Esta afirmação é constante em sala de aula. Mas é preciso ler para compreender o sentido ali proposto para que se possa conhecer o mundo. Compramos nosso exercício de cosmovisão. Ora, partindo dessa constatação, retomando a proposta inicial deste estudo, buscamos basicamente em Frédéric Cossutta as informações para responder a essas questões. A pesquisa fundamenta-se no campo linguístico e na análise textual, em contrapartida a participação do leitor, considerando-se as marcas de subjetividade e a estrutura do aparelho formal da enunciação.

É preciso utilizar-se de quais recursos para conceber um discurso filosófico?

Vimos que as marcas da subjetividade se fazem presente, no ato da enunciação, na ação dos falantes e a interação na linguagem. Pela estrutura sígnica, o sistema abstrato articulador humano, a língua. Na ação comunicativa presente na unidade textual, pois ela contém marcas explícitas da enunciação filosófica, em primeira, segunda e terceira pessoas. São estas funções que desencadearão a expansividade textual.

O enunciado escrito traz a relação referencial com o mundo e nisto consiste o aspecto ontológico na medida em que os sujeitos envolvidos neste processo, como humanos, instauram o dizer da escrita e da palavra, representadas neste fenômeno da linguagem. São as regras semânticas, a sintaxe e o signo linguístico aplicados no discurso como marcas de sua particularidade. Eles determinarão o comportamento dos falantes.

Verificamos que o sujeito enunciator de referência é aquele que fala (sua consciência, influência), pela sua obra pretende algo com o seu destinatário planejado ou não. Ele busca a sinfonia entre sua ideologia e receptividade do leitor. O destinatário constitui uma figura mediativa entre o autor e ele mesmo e a amplitude comum. O mundo, no qual um texto filosófico se expande, parte dessa referência interna: um sujeito enunciator universal, ainda que não explícito como o

enunciador de referência, mas evidente, pois reúne em si todas as outras referências (segunda e terceira pessoa). O Sujeito de identificação advém de conteúdo de consciência exposto no discurso. Assim, constatamos que há, sim, um elo entre os sujeitos proporcionados pela Linguagem. O pensamento do autor está em interligação consigo mesmo na função autor, com o destinatário e outros autores. Personagens da cena ali composta. Com a enunciação (falada ou escrita), a língua atinge uma “instância de discurso”, procedente de um locutor, sob forma sonora que desperta em um ouvinte outra enunciação. Compreendemos que, nessas condições sintáticas do aparelho formal da enunciação, a língua expressa uma relação com o mundo.

Nisto consiste a relação entre autor e leitor; todo texto filosófico independente da sua forma de exposição, possui essas características. Foi percorrido com base em diversos estudiosos da linguagem, como Benveniste, a confirmação do pensamento cossutteano, na possibilidade de cada locutor se colocar como sujeito, uma correlação de subjetividade que consiste na relação entre pronomes pessoais. Constatamos que os textos filosóficos se compõem da unidade das funções, verificada nesta estrutura semântica, o estatuto filosófico implica nesta relação autor-leitor, pois, a posição do autor e destinatário no enunciado, instauram um processo de comunicação. Há comumente uma comunicação com o leitor, como sujeito de identificação participadora do escrito, na medida em que progride sob engendramento e transformações do papel atribuído as pessoas do discurso.

A reconstrução das definições dadas são constituintes elementares para uma atividade filosófica. A Filosofia se compõe dessas remissões internas bem como reexame dos conceitos. A partir de vocabulário próprio, apropria-se das categorias oferecidas pela língua, pelas doutrinas anteriores.

Nisto, percebemos que, no discurso, há o sujeito de “identificação participadora”.

Identificamos nesse espaço a subjetividade presente no sujeito-pensante característico da Modernidade nessas condições da língua. Vimos que o sujeito moderno, elaborado por Descartes, está inserido nessa composição, pois é um sujeito introspecto, pensante, e participativo. Assim, no discurso faz-se presente este ser.

Há um espaço em aberto para um método de compreensão do sentido do texto que poderia ir além da identificação da leitura, através da referência

enunciativa do sujeito? Sim, Cossutta (2001, p.216) afirma que “[...] o texto filosófico, portanto, não é receptáculo passivo onde viria depositar-se o pensamento, é o lugar privilegiado de efetuação do sentido”. Qualquer que seja o texto abordado caberá ao leitor buscar a função unificadora e constitutiva que instaura o espaço homogêneo à sua leitura, sua unidade, explica Cossutta.

A metodologia cossutteana reúne, em leitura filosófica, a subjetividade e os elementos linguísticos do discurso, numa interação “intrínseca¹⁰”, em busca de “transposição” das dificuldades filosóficas encontradas comumente por estudantes da área.

Excedendo-se os limites pedagógicos, não dispensáveis, contudo sem dispensar o trabalho de análise e investigação do sentido, os elementos constituídos como em um método, segundo Cossutta, contribuirão certamente para o leitor preparar o trabalho de interpretação.

O autor analisa a questão metódica e os problemas a priori, quanto ao bom senso, em que cada professor direciona ou não para o aluno “aprender a ler”. Os limites da linguística, que epistemologicamente verificando, não dará conta da análise do discurso filosófico para além das abordagens semiológica, pragmática e lexicológica. Almeja-se, com esses elementos, uma análise textual mais inteligível, sob enunciados, enunciação, embreantes que o compõem.

Esperamos contribuir com alunos de Filosofia e estudantes, em geral, facilitando o modo de aproximação destes como uma leitura filosófica, dada a sua complexidade. Buscamos caminhos para leitores dessa área do conhecimento, através de elementos que possam constituir como um método da leitura, com fins de preparação para a análise e a interpretação filosóficas.

A atividade filosófica e da escrita se constituem um “processo do pensamento” que requer um reconstruir constante. Base para um pensar autônomo.

¹⁰ Intrínseco.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria; MARTINS, Maria. **Filosofando**: introdução a filosofia. São Paulo: Moderna, 2009.

BASTOS, Cleverson Leite, CANDIOTTO, Kleber B.B. **Filosofia da linguagem**. Cap. 1 Linguagem, linguística, e semiótica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BENVENISTE, E. **Aparelho Formal da Enunciação. Problemas de Linguística Geral II**. Trad. Eduardo Guimarães; et al.; revisão e tradução Eduardo Guimarães. 2. ed. São Paulo: Pontes, 2006.

BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 1986.

COSSUTTA, Frédéric. Elementos para a Leitura dos textos filosóficos. In: **A Cena Filosófica**. Trad. de Ângela de Noronha Begmani, Milton Arruda, Clemence jouet-pastré, Neide Sette. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Elementos para a Leitura dos textos filosóficos**. Trad. de Ângela de Noronha Begmani, Milton Arruda, Clemence jouet-pastré, Neide Sette. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

DESCARTES. **Os Pensadores**. Meditações Terceira. E Quinta Trad. J. Guinsburg e Bento Prado. Biblioteca PUC/ São Paulo: Nova Cultural, 1995. p. 277-295.

LOPES, J. **Fundamentos de linguística contemporânea**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

OLIVEIRA, Rita de Cássia. **Construção dos objetivos das ciências humanas segundo epistemologia da linguagem de Gilles, Gaston, Granger**: a linguística de Saussure como o paradigma das ciências humanas. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas: UNICAMP, 2003.

QUELBANE, Mélica. **O Círculo de Viena**. Tradução Marcos Marcionilo. Coleção Episteme. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

RICOEUR, Paul. **Do Texto à Ação. Ensaios de Hermenêutica II**. Coleção Diagonal, dirigida por Antonio M. Margalhães. Título original; DU TEXTE Á L’ACTION Essais d’herméne, Porto - Portugal II. Tradução de Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando. Éditions du Seuil, Direitos reservados a Portugal. 1986.

SILVA, Robson. **A noção de subjetividade**. 2011. Disponível em: <<http://professorrobsonsilva.blogspot.com.br/2011/10/nocao-de-subjetividade.html>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

ANEXO A - SOBRE O AUTOR E A OBRA

Frédéric Cossuta, Francês, professor agregado de filosofia, foi aluno da Escola Normal superior de St-Cloud; professor no Liceu Rolland de Sens-França. É pesquisador

Escreveu: Lire Bergson Le Possible Et Le Reel; La Forme Dialogue chez Platon em 2001; Philosophy and Rhetoric (Filosofia Retórica) em 2003 e Didáctica da Filosofia em 1998, também sobre o método de leitura filosófica¹¹.

Professor de Filosofia, em classe preparatória ao Liceu. Antigo aluno da Escola Normal Superior de WS. Cloud. Diretor de Programa ao Colégio Internacional de Filosofia (1992-1998). Formação: Estudos de filosofia ao ENS de WS. Cloud, Paris X e Paris I Sorbona. Epistemologia e filosofia da linguagem. (Aluno de J.T. Desanti e J. Bouveresse).

Especialização em filosofia analítica inglesa (trabalhos sobre G. Ryle). Percurso completo de estudos de Cartas-Linguístico. DEA de linguística sob a direção de A. Culioli, Universidade Paris VII. Campo de investigação: aplicação de um projeto pessoal de investigação a longo prazo que implica a constituição de um domínio disciplinar novo: a Análise do discurso filosófico. Trata-se, após uma reflexão epistemológica e filosófica prévia, de utilizar as categorias elaboradas pelas diferentes correntes das disciplinas textuais, linguísticas ou discursivas, aplicando-o ao estudo das formas expressivas levadas a efeito pelos filósofos a quando da construção da sua doutrina. Privilegiando uma abordagem pragmática dos fenômenos enunciativos, podem-se libertar certas regularidades formais ou genéricas que caracterizam as propriedades do discurso filosófico, e dispor de um instrumento descritivo e heurístico que renova a leitura das grandes obras da tradição (trabalhos conduzidos sobre Platon, o céptico grego, Descartes, Spinoza, Kierkegaard, Bergson, Wittgenstein, ou sobre a argumentação, a coerência textual, os tipos em filosofia, o estatuto do diálogo filosófico).

Desde a eleição como Diretor de Programa ao Colégio Internacional de Filosofia, de criação e direção de um Grupo de Investigação sobre a Análise do Discurso Philosophique. Composto de linguistas, filósofos, historiadores da filosofia ou especialistas da análise textual, este grupo, reúnem-se mensalmente em

¹¹ Informações. Disponível em: <<http://www.ilgiardinodeipensieri.eu/storiafil/indicestoriaft.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

seminário fechado para elaborar, graças ao estudo seguido e detalhado de obras diversas, um método de abordagem do texto filosófico. Estes trabalhos traduzem-se em seminários públicos, dias de estudo, em colóquios e publicações. Relações são tecidas com outros grupos de investigação na França ou no estrangeiro. Atividades de caráter didático ou pedagógico: estes trabalhos teóricos sobre a análise do discurso filosófico, na medida em que convidam a alterar os protocolos de leitura das obras ou os fragmentos, interessaram os setores que na França e na Europa desenvolvem a investigação em didática da filosofia. Traduções, conferências para públicos de professores do segundo grau, permitiram este desenvolvimento.

Publicações: - Elementos para a leitura dos textos filosóficos. Bordas-Dunod. 1989 (Edições portuguesas, Edições ASA Lisboa 1997, sud-américaine, Martin Fontes. São Paulo. 1994, grego Patakis 1998, tradução italiana a vir).

O Cepticismo. “Que sabe?” PUF. (1994). - “Categorias discursivas e análise do discurso filosófico.” In Moirand, Ali Bouacha, Collinot, éditeurs: Percursos linguísticos de discursos especializados Berna Berlim, Franco forte-s. Mão, Nova lorque, Paris, Viena: Peter Lang 1997 (Ciências para a comunicação: 41).

“A Análise dos discursos constituintes”. (Em colaboração com D. Maingueneau). Em Linguagens. As Análises de discursos na França. N°117, Março de 1995. Paris, Larousse. - A Análise do discurso filosófico (Responsável do N°119 da revista Linguagens, sete. 1995, Paris, Larousse). Contribuição: “Para uma análise do discurso filosófico” (p.12-39) - Descartes e a argumentação filosófica. Direção de uma obra coletiva. Coll. A interrogação filosófica, dirigida por Michel Meyer. PU.

A obra Elementos para a Leitura dos textos filosóficos, publicado em Paris 1989, inclui-se no campo da metodologia filosófica. Pretende conduzir o aluno para identificação (e produção) de leitura filosófica em que se identifique a coerência interna e um escrito onde predomine a função textual, centrada na referência enunciativa do sujeito que implique também no sentido do texto. Portanto, um método de leitura filosófica que supere a análise e as dificuldades próprias existentes neste tipo de leitura.

ANEXO B - DECLARAÇÃO DE CORREÇÃO GRAMATICAL

Eu, **RAMIRO AZEVEDO**, li e revisei o conteúdo referente aos aspectos gramaticais da monografia da discente **MARLY CARDOSO TEIXEIRA XAVIER**, intitulada “**INTERSUBJETIVIDADE EM LEITURA FILOSÓFICA, SEGUNDO COSSUTTA**”.

Certifico plena conformidade com as regras gramaticais vigentes.

São Luís, 26 de agosto de 2016.

Ramiro Azevedo

Professor (a) de Português

Reg. MEC - 20.725

Proc. nº 242-128/65

ANEXO C - DECLARAÇÃO DE NORMALIZAÇÃO



Declaro para os devidos fins, junto à Coordenação do Curso de Direito, da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, que a Monografia intitulada **“INTERSUBJETIVIDADE EM LEITURA FILOSÓFICA, SEGUNDO COSSUTTA”**, da discente aluna **MARLY CARDOSO TEIXEIRA XAVIER**, foi devidamente normalizada, estando de acordo com as Normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

São Luís, 26 de agosto de 2016.

Ana A. V. de Berredo - Unidigitu's